



## A Morte de Deus na Cultura

## The Death of God in Culture

***Celso Gabatz***

Doutorado em andamento em Teologia pela EST (2017). Mestre em Teologia pela PUCRS (2017). Bacharel em Psicologia pela PUCRS (2013).

RESENHA: EAGLETON, Terry. *A Morte de Deus na Cultura*. Tradução de Clóvis Marques. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2016. 223p.

Terry Eagleton é filósofo, crítico cultural, catedrático nas Universidades de Lancaster e Notre Dame. Autor de quase cinquenta obras. Nelas, esboça questões acerca da teoria literária, pós-modernismo, política, ideologias e religião. Seu propósito é investigar as contradições, dificuldades e significados do ‘desaparecimento’ de Deus na era moderna. Com base em um vasto espectro de ideias e problematizações, discute o estado da religião, as ironias do capitalismo ocidental, o secularismo e os fundamentalismos.

Com a lucidez e elegância que caracterizam o seu estilo, reflete sobre o papel da religião, as possibilidades da cultura e da arte como caminhos para a redenção humana, o impacto do ateísmo e da chamada guerra ao terror. O resultado é um estudo do pensamento moderno que serve como intervenção necessária em nosso preocupante cotidiano, a nos advertir, sem hesitar que, se Deus estiver morto, o próprio ser humano também estará chegando ao seu fim.

*A Morte de Deus na Cultura*, lançado no Brasil em 2016 pela Editora Record com a tradução de Clóvis Marques, é uma de suas contribuições mais incisivas para explicitar os desdobramentos sobre Deus e a religião na contemporaneidade. A evolução histórica proposta demonstra como moldamos e fomos moldados pela religião no decorrer dos tempos. Cada período histórico ensejou rupturas, mas foi por meio da evolução social e tecnológica que houve uma exacerbada transformação do lugar de Deus no mundo. O autor busca ampliar a compreensão sobre os fundamentalismos presentes em várias tradições religiosas, por um lado, e um secularismo agressivo, por outro, enfrentando-se, com poucas perspectivas de compreensão mútua.

*A ideologia é o lugar onde as proposições abstratas se infiltram na vida dos sentidos, os valores absolutos se projetam no tempo histórico, o contingente é imbuído de um ar de necessidade e a obrigação é transformada num sentimento de auto realização [...]. Para que*

*a filosofia tenha alguma influência sobre a multidão, é preciso que haja uma “religião dos sentidos”, na qual o poeta se torne o professor da humanidade.<sup>1</sup>*

Na obra, ao percorrer o século das luzes, argumenta-se que a investida do Iluminismo contra a religião era antes de tudo uma questão política mais do que teológica. Em grande medida, o projeto não era substituir o sobrenatural pelo natural, mas descartar uma fé bárbara em favor de outra, racional e tida como civilizada.<sup>2</sup> Para ele os idealistas alemães, por exemplo, ampliaram esta tentativa de sair da dualidade entre a religião excessivamente mundana, regida pela lógica terrena, e uma crença totalmente alheia a ela, demasiadamente transcendente.<sup>3</sup>

Defende que, se por um lado, as sociedades racionalizadas tendem a esvaziar seus recursos simbólicos, a ausência da racionalidade leva a uma religião com características mais incisivas, por vezes, belicosas. Neste contexto, o autor questiona se a cultura seria capaz de se tornar o discurso sagrado de uma era pós-religiosa. Chama a atenção, portanto, para o fato do capitalismo ocidental contribuir não apenas para a secularização, mas muito mais para os fundamentalismos.

No exato momento em que o capitalismo contemporâneo parecia dirigir-se para uma era pós-teológica, pós-metafísica, pós-ideológica e até pós-histórica, um Deus irado mais uma vez ergueu a cabeça, ansioso por protestar que seu obituário saíra prematuramente. Ao que parece, a tampa do caixão do todo-poderoso não foi aparentemente bem pregada. Ela simplesmente mudou de endereço, migrando para a chamada região norte-americana do cinturão bíblico, as igrejas evangélicas da América Latina e as favelas do mundo árabe. E o seu fã-clube vem aumentando constantemente.<sup>4</sup>

No livro, a "razão, cultura, arte, ciência, humanidade, sociedade, desejo, força de vida e as relações pessoais" são percebidos como "formas de divindade deslocadas". O ateísmo, na visão do autor, não é tão unívoco quanto parece; geralmente é uma religião com outra roupagem; uma mutação da fé religiosa. Trata-se de uma verdade religiosa diluída, sem um conteúdo específico, mas, com um instinto para o transcendente, em geral, firmado na insatisfação com os substitutos socialmente construídos.<sup>5</sup> As pessoas tornam-se invisíveis aos seus semelhantes e, talvez, no fim, eles se tornam invisíveis também para eles mesmos.

À medida que se esvai o poder da religião, suas diferentes funções são redistribuídas como precioso legado para os que aspiram se tornar seus herdeiros. O racionalismo científico se apropria de suas certezas doutrinárias, enquanto a política radical herda sua missão de transformar a face da terra. A cultura, no sentido estético, preserva algo da sua profundidade espiritual. Na verdade, as ideias estéticas [...], são em sua maioria fragmentos deslocados de teologia.<sup>6</sup>

Terry Eagleton descortina os percursos da história e apresenta os argumentos que levaram a cultura a ‘dispensar’ Deus. Para isso, retrata com muita desenvoltura o pensamento dos filósofos,

<sup>1</sup> EAGLETON, Terry. *A Morte de Deus na Cultura*. 1ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2016, p. 57-58.

<sup>2</sup> BURKERT, Walter. *A Criação do Sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1996.

<sup>3</sup> CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o Homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. Martins Fontes: São Paulo, 1994.

<sup>4</sup> EAGLETON, 2016, p. 181-182.

<sup>5</sup> HERVIEU-LÉGER, Daniele. *O peregrino e o convertido – a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

<sup>6</sup> EAGLETON, 2016, p. 161.

intelectuais, religiosos, citando, entre outros, Friedrich *Nietzsche*, Georg *Hegel*, David Hume, Immanuel Kant, Karl Marx, Arthur *Schopenhauer*, Friedrich Schiller e Søren Kierkegaard.

Vários seriam os substitutos que foram sendo colocados no lugar de Deus. Todavia, a figura do divino sempre se manteve presente, mesmo quando não havia relação direta com Ele. Neste sentido, a razão em contraposição à teologia, foi um conceito assimilado pela elite intelectual, mas não se fazia compreender pelas pessoas mais simples.<sup>7</sup> O livro, portanto, não é religioso, mas um estudo sobre como determinados protagonistas anunciavam seus ideais e defendiam princípios. Trata-se de uma leitura essencial para colocar o conhecimento a serviço das questões que se desenrolam no mundo nos dias atuais.

Para Eagleton, há muitos pensadores que têm publicado trabalhos abordando as relações entre religiosidade, política, sociedade, cultura. Giorgio Agamben, Slavoj Žižek, Alain Badiou, só para citar alguns, trazem importantes contribuições em relação aos processos de secularização e as metamorfoses dos conceitos teológicos enquanto instauradores de uma nova premissa discursiva. O absoluto insondável, o principal insumo da religião, segue sendo reivindicado.<sup>8</sup> Se em algum momento do passado os afetos eram os grandes obstáculos para os iluministas, agora, são vias privilegiadas de acesso ao conhecimento e à verdade.

As pessoas podem ‘acreditar’ sem ‘pertencer’ socialmente. De modo que, para se livrar de Deus, a própria subjetividade é remodelada, despojada de pretensões, verdades e valores.<sup>9</sup> No fim, Deus é deslocado pelo ‘eu’ automodelado e engajado por demandas pessoais. Neste sentido, a cultura é um jogo de identificações no qual as pessoas são capazes de matar ou morrer pelo que acreditam. De acordo com a compreensão deste eminente intelectual britânico, os diversos fundamentalismos têm suas raízes não no ódio, mas no medo. O medo em um mundo mutante no qual tudo está em movimento. Onde a realidade é transitória e sem um final definido. Onde as certezas e os pilares mais sólidos parecem ter desaparecido.

## Referências

BURKERT, Walter. *A Criação do Sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1996.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o Homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. Martins Fontes: São Paulo, 1994.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. *O peregrino e o convertido – a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.

LUCKMANN, Thomas. *A Religião Invisível*. São Paulo: Loyola, 2014.

---

<sup>7</sup> LUCKMANN, Thomas. *A Religião Invisível*. São Paulo: Loyola, 2014.

<sup>8</sup> MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995.

<sup>9</sup> OTTO, Rudolf. *Das Heilige: über das Irrationale in der Idee des Göttlichen und sein Verhältnis zum Rationalen*. München: C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1932.

MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna: entre secularização e dessecularização*. São Paulo: Paulinas, 1995.

OTTO, Rudolf. *Das Heilige: über das Irrationale in der Idee des Göttlichen und sein Verhältnis zum Rationalen*. München: C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1932.